

**Resenha**

**América Latina: Barroco, cidade, jornal**  
(PINHEIRO, José Amálio. São Paulo: Intermeios, 2013)

Hiran de Moura POSSAS<sup>1</sup>

*Flaneur*—pesquisador de “tantas” culturas, Amálio Pinheiro em devir com os repertórios botânicos - “os materiais da natureza são uma força tectônica de base, nunca um dado anterior, para a vertiginosa inclusão das micro-diversidades da cultura” (PINHEIRO, 2013: 17) - faz uma leitura do jornal como folhetim tropical, crônica frutal estendendo linguagens e culturas.

Para essa leitura de “ramificações proliferantes” da mútua pertença da natureza com a cultura e conseqüentemente com o jornal, Amálio Pinheiro entende que qualquer elemento da objetosfera<sup>2</sup>, longe de se isolar, constitui-se um cacho, penca, arabesco, dando abrigo a uma voz recuperando os metais e as matizes de um coral da cultura reticulado pela natureza.

Amálio vê a natureza enroscada nos corpos e nas palavras como variações significantes arrastando para baixo, para cima e para dentro as coisas múltiplas “prenhes de saliências ondulantes.” (p. 22)

Seria sua/nossa resposta às noções binárias totalizantes, àquelas tentando ocultar as produções de um coletivo anônimo em nome das tendências de glorificação da velocidade de paradigmas eurocêntricos costumeiramente levados a cabo pelas tecnociências: “Os ‘descobertos’ assim respondem ao ‘descobridor’ cerzindo-o na urdidura nativa. Não há, neste âmbito das permutas desidentitárias e do mútuo pertencimento signo/paisagem”. (p. 31-32)

Crítico dos “modismos epistemológicos” como pós-modernidade e contemporaneidade tentando representar as informações estando rapidamente em todos

---

1Doutorando em Comunicação e Semiótica – PUC/SP. Docente Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: hiranpp@hotmail.com

<sup>2</sup>Lugar traçado, talvez, a partir da semiosfera do semiótico Yuri Lózman. Um “reino” de encontros-desencontros de signos. Lembranças e esquecimento tecendo culturas e não culturas.

os lugares ao mesmo tempo, Amálio Pinheiro, na cena latino-americana, vê os tempos históricos sempre se hibridizando pela massa “colorida” de seus sujeitos culturais:

Não se pode, portanto, remeter qualquer meio de comunicação e arte a um quadro lógico traçado a priori, dito moderno, pós-moderno ou contemporâneo, sem serem ativadas as referências específicas e peculiares à rede estrutural do entorno da série estudada. (p. 62)

Essas opções falaciosas deslocam os olhares mais desatentos para a superação de um passado “arcaico” graças às rupturas e às “evoluções” temporais. A vida sendo compreendida por compartimentos-caixotes e por recortes temporais.

Afirmar, entre nós, que agora todas as informações podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo, é bastante velho: aqui os tempo se hibridizam e o artifício das citações múltiplas e multilíngues é práxis sanguínea. (p. 96)

Realizar leituras sobre as Américas Latinas, “território de interligação oscilante” (PINHEIRO, 2013: 49) e sobre os Caribes sem levar em conta a massa de informações provenientes das forças da natureza-tectônicas ou dos ritmos fundantes, é grafia-estudo mutilados pelas compartimentações de saberes.

Não se deu ainda a devida atenção para o fato antropológico e geográfico de que regiões como a América Latina e o Caribe nunca puderam excluir de sua produção cultural e científica a massa de informações provenientes das forças da natureza, tratem-se de fenômenos geotectônicos e geobotânicos reabsorvidos pelos materiais do trabalho humano. (p. 39)

O jornal refletido pelas paisagens múltiplas latino-americanas é reconstruído por jogos gráfico-sonoros proporcionados por fonemas “negroides”, dentre tantos, termos como pororoca, jururu, tiririca e pururuca, indicação imagético-sonora-gráfica da invasão ou subida de “trepadeiras” orais por todas as linguagens das paginas editoriais.

Olhar para esse jornal de junções e feiçõestelúrico-tribunícias-deônticas não seria, sem dúvida, pela retina de Walter Benjamin<sup>3</sup>, àquela apregoando a difusão da informação abafando as vozes da oralidade. Pelos olhos barrocos<sup>4</sup> de Amálio, a oralidade experimenta novas vidas em novos corpos, como e devorando nas páginas do jornal.

---

<sup>3</sup>Refiro-me especialmente à obra BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221, texto provocativo para uma suposta morte das narrativas orais.

<sup>4</sup>Em oposição à célebre e histórica leitura sobre o barroco, vendo o caos primitivo numa sorte de pan-natureza, Amálio Pinheiro não acomoda seu pensamento em formas epistemológicas. Ele destrona saberes paradigmáticos, dando lugar e alcance a cosmologias historicamente “espoliadas”.

A crônica jornalística seria essa forma breve “reencaixando” retalhos de falas de textos anônimos no jornal, esse portátil, maleável e instrumento tátil às exigências dos dedos e do corpo, convidando o leitor a participar das notícias e alimentando o processo de extensão das linguagens em intensidade com a natureza.

Seu léxico superabundante de repertório carnavalizante é uma fonte inesgotável para os “pesquisadores ao ar livre”<sup>5</sup> e, acima de tudo, dobras de páginas consonantes com as variações da rua, um dreno para as produções da coletividade mundana.

O jornal seria uma “escritura em caramanchão” agregando experiências gráfico-geológicas como as presentes nos textos de Euclides da Cunha. Esse “sertão euclidiano”, espaço de abundâncias de bifurcações desenha, como nos periódicos, nossas bocas roçando as paisagens, palavras-xaxins gestando experimentações caboclizantes ou “arranjos tupinizantes”.

Os jogos de “proximidade, em vaivém, entre signos e coisas” ou da “boca roçando a paisagem” entre “sílabas-cipós” (p. 79-110) ganham contornos nos espaços editoriais “prenhes” de palavras em rotação, palavras, ao ar livre, pulsadas pelo pestanejo do sol de cada dia.

“Civilizações mediadas pela luz”, as “sociedades caboclo-periféricas” revelam outras cosmologias, nunca invisíveis, apenas desprezadas pelos “intelectuais de gabinete”. Seriam elas exímias e meticulosas ciências de encaixes e enxertos dos ourives, prateiros, trapaceiros e mesmo doceiros transferindo ouro, prata, doce e fruta para as letras, às sílabas e às palavras sobre a página branca: “são muitas as regiões da realidade cotidiana que estão ainda por explorar [...] só podemos avançar às apalpeladas ou apenas com um mapa noturno” (p. 102).

Realizar uma incursão pelas complexidades jornalísticas e latino-americanas também significa compreender que “Tudo o que é macro é micro e tudo o que é externo é interno, desde que bem tecido no mosaico, através de costuras que mapeiam a cadeia reticulada das conexões” (p. 37).

Pensar por essas “deglutições cognitivas” de Pinheiro (p.17) pode significar uma associação dos jornais aos materiais da natureza, seções desenhadas por “uma força tectônica de base, nunca um dado anterior, para a vertiginosa inclusão das

---

<sup>5</sup>Para Amálio Pinheiro, um múltiplo que não sucumbe ao uno, expandindo os interstícios.

microdiversidades da cultura”. A vida transpira pelo jornal naturezas são hostis; reinos das variações<sup>6</sup>; dos cataclismos e das emoções.

Regiões editoriais, por exemplo, por onde “Deus e diabo trocam de lugar e de papel” (p. 123), espaços das mesclagens, da ruína e da destruição de fronteiras, da ausência delas e de suas transposições, da territorialização e da desterritorialização, do nomadismo e do sedentarismo, do exílio e do desenraizamento e principalmente das causas detudo isso, os jornais latino-americanos seriam “combinações sinonímicas e metonímicas” (p. 123), experimentando sucessivas recriações e: "Um gigantesco subúrbio expandido, um caldeirão barroco-caboclo com múltiplas interfaces e alguns apliques, já incorporadas e traduzidas, disso que chamam geral e vagamente, como por preguiça, modernidade". (p. 63)

“Flanando” por territórios editoriais-botânicos-citadinos, poderiatambém chamar Amálio Pinheiro de um Cartógrafo<sup>7</sup> devorador-devorado de/por vozes mundanas suturando crônicas de um modo interessante, uma construção de outros mapas. Um enredo rizomático fazendo a revelação de múltiplos e outros campos do saber. Traçado de outros mapas cognitivos pelos jornais. Pensamento explorando o imprevisito da totalidade-mundo, sintonizando e harmonizando as escrituras à oralidade e à vida.

---

<sup>6</sup> Empresto a expressão dos pesquisadores Amálio Pinheiro e Viveiros de Castro.

<sup>7</sup> Essa proposição “teoricometodológica” que, para muitos pesquisadores, pode ser decolonial, interpretativa e reflexiva podendosignificar: “Ver, observar, olhar, visitar, trafegar, apalpar, viver o bairro, pensar a cidade, refletir sobre seus caminhos, debater suas presenças ausentes, mergulhar em sua história, captar usos e sentidos de seus patrimôniosedificados, abandonados, silenciados, restaurados, praticados por aqueles que os constroem, compartilham e a eles dão existência física e simbólica.